

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “ARTE NA EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA”

ALINE CARVALHO FERREIRA

**Narrativa e memória: um estudo sobre histórias de mulheres,
contadas por mulheres**

São Paulo
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “ARTE NA EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA”

ALINE CARVALHO FERREIRA

**Narrativa e memória: um estudo sobre histórias de mulheres,
contadas por mulheres**

Monografia apresentada à Escola de
Comunicação e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Especialista
em Arte na Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sumaya Mattar

São Paulo
2020

Resumo

Esta pesquisa constituiu-se a partir do encontro com três mulheres idosas, moradoras do bairro Mandaqui, região Norte de São Paulo, e da escuta de suas histórias de vida. O trabalho aborda de maneira introdutória os temas da memória, da narrativa e dos elementos, presentes nos relatos, que revelam algumas particularidades vivenciadas pelas mulheres em nossa sociedade. Por se tratarem de mulheres migrantes, foram feitas considerações sobre migração, trabalho e os paradoxos da liberdade. O que está envolvido no ato de lembrar? Como é contar sua própria história de vida? Seria a escuta capaz de transformar paradigmas excludentes?

Palavras-chave: Memória; narrativa; mulher; sociedade; migração; trabalho; liberdade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
1. Memórias contadas: a história de vida enquanto metodologia de pesquisa.....	05
2. A narrativa e a sonoridade das palavras.....	06
3. Histórias de mulheres: considerações sobre migração, trabalho e liberdade.....	07
3.1. Relatos e reflexões.....	09
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19

INTRODUÇÃO

Contar nossa própria história muitas vezes é prazeroso, nos faz viajar no tempo, para além da memória. No entanto, também envolve entrar em contato com questões difíceis, de lembranças, de lutas, de dores, de perdas, e, no caso das mulheres, há ainda algumas particularidades.

Este trabalho é resultante da primeira etapa do projeto Vidas Contadas¹, desenvolvido em parceria com o colega de curso e amigo Mário Luz, no qual oito moradores do bairro Mandaqui, região Norte de São Paulo, relataram suas histórias de vida e memórias que possuem do bairro.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram selecionadas, do projeto acima, três histórias de mulheres idosas que trazem consigo questões importantes, a meu ver, de serem debatidas. A escolha dessas histórias teve como intuito colocar luz, a partir dos conteúdos relatados, nos aspectos subjetivos que refletem a condição da mulher na sociedade, e que os livros de História dificilmente nos contam.

É importante ressaltar que as mulheres cujas histórias fazem parte deste trabalho enfrentaram um processo de migração para São Paulo e, nesse trajeto, travaram batalhas – não apenas por sobrevivência, mas também pelo direito à existência – legitimadas pela história de opressão à qual as mulheres têm sido submetidas ao longo de décadas.

A história de vida enquanto metodologia de pesquisa partiu do interesse particular – não à toa minha formação em Psicologia – pela pessoa humana. Também sempre encantada com a possibilidade de ouvir histórias, busquei saber como é, para estas mulheres, a experiência de narrar suas memórias e o que suas narrativas, por si só, revelam.

Após período de entrevistas, foi feita a transcrição dessas três histórias e realizado um encontro com duas das mulheres para que pudessem revelar os sentimentos experimentados ao narrarem suas próprias histórias. A terceira mulher mudou de endereço e, após algumas tentativas de encontrá-la, sigo na esperança de que isso seja possível um dia.

Enquanto pesquisadora, e inspirada pelo pensamento de que ter acesso às próprias memórias é um direito primário de existência, observei nos relatos frases indicativas de reafirmação da identidade, de reconhecimento de lutas e dores, e também de constatação das vitórias e aprendizados. Além disso, silêncios, olhares e afetos contemplados nas entrelinhas.

¹ O projeto Vidas Contadas surgiu no intuito inicial de formar público para a biblioteca municipal Pedro Nava, localizada no bairro Mandaqui, região Norte de São Paulo. A partir da aproximação com moradores do entorno da biblioteca, tivemos acesso às suas histórias de vida e memórias que possuem sobre o bairro. Os relatos inspiraram a criação de um texto dramaturgicamente a ser apresentado, de maneira teatral, na biblioteca.

1. Memórias contadas: a história de vida enquanto metodologia de pesquisa

Para melhor compreender o percurso dos estudos acerca da memória nas últimas décadas, SARLO (2007), em suas precisas palavras, sinaliza de início, ao leitor, que o passado é sempre conflituoso e aponta a concorrência existente entre história e memória. A primeira, segundo ela, nem sempre acredita na segunda e a segunda desconfia da primeira.

Quando pensamos sobre a memória da forma que nos foi apresentada na escola, por meio das aulas de História, podemos observar que muitos dos aspectos comportamentais e subjetivos de um povo não são levados em conta, e dificilmente nos são contados. No entanto, o pensamento de Bosi (2004) nos traz a reflexão de que estes microcomportamentos são fundamentais para o entendimento real não apenas dos conteúdos narrados, mas do tecido histórico que sustenta os fatos e que reflete a cultura de um povo.

Assim, a autora nos lembra de que os documentos oficiais, embora importantes para o entendimento de um cotidiano, não dão conta das paixões individuais contidas por trás dos episódios. Além disso, a memória oral corre o risco, como temos observado ao longo do tempo, de valer-se da ideologização, do ideal que se faz de um povo e sua cultura, e oprimir o lugar de fala de camadas excluídas da sociedade como velhos, negros, mulheres e trabalhadores. No entanto, a memória dos velhos pode ter a função mediadora entre a geração atual e as passadas. (BOSI, 2004).

Assim, antes de qualquer função que possa ter a memória enquanto transmissora de subjetividade, caso contada, ouvir uma história de vida trata-se primeiramente do encontro. É preciso estar frente a frente para que a possibilidade de contar e ouvir exista e, mais do que isso, é fundamental que se crie uma vinculação afetiva entre quem conta e quem ouve, possível pelo estado de presença que nos coloca à escuta.

A pesquisa com histórias de vida é, assim, um processo de construção de conhecimento a partir da relação específica entre dois atores: pesquisador e sujeito pesquisador – pelo pesquisador, como método que pressupõe a existência de vínculo; pelo sujeito, participante da pesquisa que narra sua história, num dado momento de sua vida (NOGUEIRA et al., 2017, p. 468).

Em linhas gerais, o método de história de vida é uma possibilidade dentro de uma metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador, por meio de entrevistas não diretivas, escuta o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Deste modo, a criação de um vínculo de confiança entre ambos é nutrida ao longo de um processo, o qual exige a compreensão das individualidades presentes (NOGUEIRA et al., 2017).

Durante o período de entrevistas, esta pesquisa valeu-se de encontros na praça localizada em frente à Biblioteca Pedro Nava, onde foram levados chá e bolachas na tentativa de que os encontros fossem afetivos, o que me remete às lembranças de café da tarde. Também aconteceram em meio a ruas próximas dali, até que um adorável convite me permitiu adentrar a casa de uma das entrevistadas.

“Narrar a vida é dela se reapropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que ‘revivê-los’”, (BOSI, 1987 p. 55 apud Nogueira et al., 2017, p. 468). Fortemente inspirada por este pensamento e também pelo de que a história narrada existe para ser contada e transformar a cidade onde ela floresceu (Bosi, 2003 apud Nogueira et al. 2017), acredito e defendo minha escolha pela história de vida – particularmente por histórias de mulheres migrantes – para responder às perguntas que fiz a mim mesma, enquanto pesquisadora e também migrante, trabalhadora e mulher.

Assim, retornando ao ponto de que o velho é um mediador informal da cultura, e pode-se dizer desvalorizado perante às instituições (igreja, escola, partidos políticos), os valores mercadológicos e doutrinadores continuam a impregnar a sociedade e a reafirmar ideais excludentes de pouca ou nenhuma escuta ao velho. (BOSI, 2004).

Nesta pesquisa, interessei-me pela possibilidade não somente de utilizar a história de vida, acreditando em seu potencial enquanto metodologia, mas pela pretensão – ainda que utópica – de fomentar e divulgar esta importante função mediadora atribuída à população idosa e, no caso específico deste estudo, escuta às mulheres nesta fase avançada da vida.

2. A narrativa e a sonoridade das palavras

Quando narramos um acontecimento, carregamos nossas palavras com os afetos mobilizados pela memória e, pela capacidade humana de emitir sons, tornamos sonoras as histórias que contamos; por meio de nossos timbres e gestos, desafiamo-nos a transmitir com verossimilhança os episódios rememorados.

É para mim desafiador pensar a narrativa e suas sonoridades. No entanto compreende-se que, ao narrar qualquer coisa que seja, a pessoa o faz num ritmo particular, intercalando silêncios abundantes de sentido. Cada pessoa carrega consigo um melodia única.

Nossa linguagem é um processo vivo, ligado à natureza; de um mar de sons vagos emergiram recortes de frases e palavras como ilhas flutuantes. Eis como Saussure explica a origem da língua. Antes de se articularem as palavras, havia um mar indefinido de ritmos, massa sonora carregada de afetividade. (BOSI, 2004, pg. 203)

Nos casos das três mulheres idosas que fazem parte deste trabalho, diferentes expressões verbais, faciais e entonações foram observadas e, partindo do pressuposto de que, quando se narra uma história, os afetos ativados pela memória são manifestados não somente pela oralidade, mas pelo corpo inteiro do(a) narrador(a), acredito no relato de história de vida como um meio precioso para o entendimento mais verdadeiro, ou pelo menos mais humano, dos episódios e seus significados, num contexto social e político. Longe de acreditar que não haja estereótipos nos relatos, observá-las me parece também fundamental para o entendimento ao qual me refiro.

Há um estudo de Arfuch (2002) que nos atenta para a cartografia individual bem definida presente nos relatos de vida, mas que trilham em busca de seus acentos coletivos. As narrativas de vida – abundantes de saberes e inspirações – traduzem um modo narrativo próprio do autor, a partir do tempo e espaço vividos.

Assim como a narrativa carrega seus sons, também carrega sentidos. Este é o interesse maior do relato de história de vida. Não é importante para ele a verdade, mas sim o sentido. A memória seria inútil, como defende Milton Santos (2008, apud Nogueira et al. 2017), caso ela se preocupasse em reviver o passado e buscar a verdade.

Na íntima relação entre lembrar e esquecer estamos na verdade refazendo, reconstruindo a memória, com tudo que nos é presente no momento em que lembramos. Narrar é escolha do presente. Escolhemos os sons, as pausas, os volumes, e assim a memória vai movendo-se, navegando ao rumo de novos olhares para o futuro.

3. Histórias de mulheres: considerações sobre migração, trabalho e liberdade

Para além do ato de narrar, utilizar da história de vida é entender de qual lugar se narra. Para isto, antes de adentrar os relatos que constituíram este trabalho, é preciso entender o contexto sócio-histórico, ainda que de maneira introdutória, no qual a mulher tem sido inserida ao longo dos anos.

Partindo do referencial de Hooks (2019) e do ponto crucial de que nossa sociedade continua sendo primordialmente “cristã”, a maioria dos povos desde que nos entendemos por sociedade até os dias de hoje continuam acreditando na subordinação da mulher perante o homem, principalmente no ambiente doméstico, como se fosse uma ordenança divina.

Assim, nos primeiros movimentos feministas, o trabalho que não é doméstico passou a ser idealizado por mulheres de classe privilegiada, como algo que as libertaria da dominação

masculina, que daria a elas autossuficiência econômica. No entanto, Hooks (2019) nos atenta para o fato de que trabalhar por salários baixíssimos não liberta mulheres pobres da classe trabalhadora. E ainda ressalta que mesmo se o feminismo não tivesse estimulado mulheres a ocuparem seus postos em trabalhos que não fossem domésticos, as mudanças em decorrência da depressão econômica e o avanço do capitalismo consumista, de todo modo, o fariam.

No entanto, a escritora pontua que, embora o trabalho por si só não dê conta de libertar as mulheres, a autossuficiência econômica é necessária para este processo de libertação e, quando falamos de um processo de libertação, precisamos fundamentalmente considerar questões de gênero, classe social, raça e orientação sexual.

Considerando ainda os vários fatores que envolvem a libertação das mulheres, trabalhar fora de casa, mais do que o aspecto econômico, é um fator importantíssimo para o aumento da autoestima e da participação da mulher na comunidade (HOOKS, 2019). Entretanto, precisamos saber discernir qual tipo de trabalho é libertador e qual continua colocando as mulheres – principalmente mulheres pobres, negras e migrantes – em condição de subordinadas e/ou sustentando uma lógica patriarcal que as oprime.

Os relatos contidos nesta pesquisa são de mulheres que migraram para São Paulo com seus familiares em busca de trabalho e melhores oportunidades. Para isto, submeteram-se a condições diversas que refletem a dominação masculina e, hoje, já idosas, nos contam com sofrimento tais partes de suas histórias, mas também nos falam com alegria de suas vitórias e conquistas.

Para Sertório e Santos (2012), o gênero é analisado como um princípio de função classificatória, que perpassa o movimento migratório e que, juntamente com outras categorias como “classe”, “geração” e “etnia”, configura as oportunidades de pessoas migrantes. Assim, no caso das mulheres, especificamente, a falta de opção de trabalho nas pequenas cidades de onde vieram e a busca por uma vida melhor as fazem submeter-se a condições de trabalho doméstico e/ou relações de trabalhos precarizadas.

Nos relatos ouvidos para realização deste estudo, fica evidente a relação de ambivalência entre liberdade e enraizamento. Pude observar que cada uma destas mulheres carrega consigo formas diferentes de representação da liberdade e também consolidaram seus enraizamentos a partir de valores bastante diferenciados.

A mim, mais do que analisar suas falas, é muito importante agora contar o que me foi contado. Ainda que em alguns momentos eu faça observações de como me tocaram tais conteúdos, acredito que conhecer o que estas mulheres trazem em seus relatos é uma

prioridade, inclusive para debates posteriores. Para preservar o anonimato destas mulheres, escolhi nomes de árvores como pseudônimos. As árvores representam a vida, com suas raízes, caule, folhas e frutos.

3.1. Relatos e reflexões

Paineira

Primeiramente, devo mencionar que Paineira nos convidou para entrar em sua casa, nos ofereceu café e, sem dúvidas, a partir deste gesto, já nos mostrou sua generosidade. Quando começou a contar sua história, esta qualidade ficou ainda mais evidente e, com olhar saudoso de quem acessa uma boa memória, ela contou sobre a árvore da praça, uma Paineira² branca.

No relato de Paineira, nota-se a valorização da memória desde o início de sua fala, em frases como *a gente morre com as histórias da gente, se a gente não passa pra alguém, fica perdido*. A entrevistada trouxe à tona sua chegada de Minas Gerais, em 1958, ao bairro Jabaquara e, pouco tempo depois, sua mudança para o bairro do Mandaqui, onde desde então reside.

Mostrou-se orgulhosa da história que carrega, nos contando que seu pai construiu a casa em que moraram, que, segundo ela, era de saibro em sua primeira versão.

Casa velha antiga. De tijolo mas ainda com saibro, porque essa rua aqui, ela produzia saibro. É uma areinha fina, que não é um barro, mas também não é areia. E foi construída com saibro essa casa aqui, as casas antigas tudo construída com saibro. E essa casa era uma construção sólida sabe, de parede larga assim, e era uma casa que foi construída no meio do terreno, bem no meio. (Paineira, 2019)

Contou que, ao longo dos anos, demoliram a casa de saibro para que fosse construída outra no lugar e assim fizeram uma casa de tijolos assobradada, esta que a abriga com sua família e nos abrigou enquanto ouvíamos sua história. Como afirmação, a meu ver, de um processo de enraizamento que parece ser de grande importância para Paineira, ela concluiu a história de sua casa dizendo:

² Paineira é uma linda e grande árvore de até 30 metros de altura com flores grandes e frutos. A paina é uma fibra fina e sedosa, usada para preenchimento de travesseiros e confecção de tapetes. Pseudônimo atribuído em homenagem à memória trazida por esta mulher, de uma Paineira branca que tinha na praça onde a biblioteca Pedro Nava está localizada. A partir de agora me refiro a ela como Paineira.

Daí, graças a Deus, realizei o meu sonho né, porque aí eu entrei nessa casa novinha. Tem tudo que eu quero. Ah, eu adoro ela [...] é que a gente persistiu da gente ficar no mesmo lugar, sabe, a gente não saiu da casa. A casa continua ali, mesmo alicerces, a mesma que começou, tá até hoje, aí vem um filho, mora, vem outro, mora, vem outro, mora, então a gente tá ali. (Paineira, 2019)

Contou a luta de sua mãe que, enquanto o marido (pai de Paineira) trabalhava fora de casa, batalhava para dar conta das funções da casa, dos filhos e de seu trabalho. Relatou que sua mãe era benzedeira e uma pessoa muito conhecida no entorno. Quando lhe foi perguntado sobre os desafios de ser mulher, Paineira sorriu me dizendo que se for falar dos sofrimentos que as mulheres de sua família passaram, ela ficaria a tarde toda. Neste momento, também fiquei a refletir o porquê de muitas mulheres continuarem sorrindo enquanto falam de suas dores.

Mesmo que o fato de mulheres cuidarem dos afazeres domésticos enquanto os homens trabalham fora seja ainda uma realidade presente, evidentemente, algumas décadas atrás isto era quase regra básica de um casamento.

Paineira parece sentir-se fortalecida pelos alicerces que escolheu para si e tem como um de seus principais a família. Enfatiza que são muito conhecidos no bairro e que fazem anualmente uma festa junina em sua rua, onde se reúnem amigos, familiares e alguns vizinhos.

Todo mundo conhece a gente, aqui a gente é muito conhecido como os Borges, porque meu pai era Borges e naquele tempo não existia Borges, hoje tem Borges de tudo o que é lado, né? Nossa, Borges, de tudo que é canto, olha o Borges ali, mas não tinha, então éramos nós, meus irmãos morreram. Então meus irmãos eram muito conhecidos aqui, eram os Borges, sabe? O Borge, o Borginho, Os Borges, entendeu? Família bastante grande, né. (Paineira, 2019)

Paineira é pedagoga e ama ler. Doou muitos livros à Biblioteca Pedro Nava, localizada bem próximo de sua casa no bairro Mandaqui, e nos conta com alegria sobre o prazer da leitura, também pela costura e por ouvir músicas em seu toca CDs.

Contou sobre não ter atuado como pedagoga devido à baixa remuneração concedida à profissionais da educação já naquela época. Ainda enquanto relatava sobre sua ocupação profissional, mencionou o período do Golpe Militar e o corte de incentivos devido a ele. Percebe-se, a partir de seu relato, o papel da mulher de se atribuir muitas funções em casa, como um processo intergeracional, e também as baixas remunerações que recebiam as mulheres pelo trabalho.

Por outro lado, Paineira, que é bastante ativa, diz com alegria que se ocupa também de atividades que não se referem aos cuidados com a casa: leciona costura, faz cursos que lhe interessam e lê com frequência temas que gosta. Quando voltei a visitá-la para saber como havia sido contar sua própria história, Paineira me disse que lembra com saudade, e que valoriza a memória. Olha para as lutas e dores como parte do fortalecimento que a vida exige.

Ao que notei de suas falas, há neste fortalecimento muitas dores silenciadas e, de certo modo, o conformismo de que temos de ser resilientes. Mas acessar estas memórias, inclusive as que trazem os seus vários interesses, parece ter uma função preciosa: a de reconectar-se àquilo que a constituiu enquanto pessoa.

Para mim, Paineira representa a busca por manter-se fiel a tudo o que cativa. Cultiva as histórias que carrega, as pessoas que tem por perto e o prazer de fazer as coisas que gosta, mas talvez sem ter a pretensão de libertar-se. Encontra sentido de existência em seus alicerces familiares e sua casa, mas não abandona – ainda que com cautela – os desejos que a transportam para o jardim bonito da liberdade.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/361132463849685393/?lp=true>
Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

Tinha o rio grande, uma ponte grande ali no Mandaqui e uma Paineira, até esses dias eu tava lembrando, sabe, uma Paineira grande que ela soltava tanta paina, sabe aqueles branquinho assim? Era uma coisa bem importante ali. Nossa, tanta coisa tinha, gente... Era bonita. Era bonita, era uma árvore que ela ficava branquinha, sabe. Era bem bonito. (Paineira, 2019)

Mangabeira

Bairro que nem aqui, a gente considera a nossa casa. A gente conhece todo mundo, quem não conhece vai chegando. A gente gosta, é o bairro. É bom, eu não vou daqui pra canto nenhum.” (Mangabeira, 2019).

Assim Mangabeira³ começou a relatar sua história. Narrou desde a chegada ao estado de São Paulo, em meados dos anos 60, quando deixou o Ceará e desembarcou em Santos. Foi detalhando a longa trajetória percorrida em um ônibus, totalizando 6 dias de estrada, e as dificuldades enfrentadas no caminho, como a fome, o frio, e os anseios de quem migra. Deixou seu território de origem em busca de uma vida melhor na cidade grande.

Estas palavras espaçadas com silêncios cheios de lembranças, intercalados com palavras ditas rapidamente, me expressaram a dor de quem migra buscando outro lugar onde a vida possa ser mais abundante. Remeteram-me a um trecho do livro *Diário de Bitita*, escrito por Jesus (1982), quando relembra uma fala de sua mãe sobre a escolha de onde se quer viver; dizia, então, que se deve viajar para os locais onde a vida seja mais amena.

Ao passo que foi contando suas memórias, aparentemente sem receios de contar, o que me revelou o laço de confiança e afeto que havíamos construído, contou sobre uma gravidez inesperada de um antigo patrão, quando ainda era adolescente:

Eu quando eu saí de Crato, eu tinha 15 anos, vim para Fortaleza. Aí de Fortaleza vim para cá, solteira. Tinha um filho mas era do meu patrão, fui trabalhar em uma casa de família e o meu patrão mexeu comigo e, como eu era uma Maria Besta, eu fiquei grávida. E sofri muito, porque eu era uma Maria Mulambenta, ele negou, eu tinha 16 anos, isso lá em Fortaleza, e eu tive uma menina, se ela fosse viva, ela tava com 63, mas Deus levou (Mangabeira, 2019).

A dor da lembrança foi percebida entre silêncios, e o olhar que se desviou rumo ao chão. O abandono, a própria gravidez, e o desejo de ir embora representam rupturas significativas e responsabilidades para a mulher.

Nos confirmam Tossin e Santin (2007) que gestar uma criança é a representação máxima da capacidade de amar o outro, então, para as mulheres, o amor está corporificado na gravidez. O aborto por sua vez, espontâneo ou não, é mais uma ruptura dolorosa, e ainda mais

³ A Mangabeira é uma árvore frutífera que pode chegar a 10 metros de altura. É nativa da vegetação da Caatinga. Dela se extrai látex para fazer borracha. A extração é a atividade que garante o sustento de muitos trabalhadores rurais e assim foi para Mangabeira por muitos anos desde quando ela ainda era adolescente e já trabalhava para ajudar no sustento de sua família. Por isso, a escolha desta árvore para representar esta mulher.

difícil no caso como foi o desta mulher, que era adolescente e não teve nenhum apoio do parceiro.

Mangabeira, assim como muitas outras mulheres, resistiu e lutou. Já em São Paulo passou novamente por uma gravidez inesperada de um patrão, dono da casa onde trabalhada como empregada doméstica. Relata sobre o feliz encontro com o homem que se casou e que a apoiou na criação deste filho e do outro que tiveram juntos. Hoje, apesar das dores lembradas, também narra com expressão de saudade sobre seu grande amor e, os anos felizes que viveram até que ela ficasse viúva.

Mangabeira, que conta ser filha de uma mulher indígena com um homem branco, diz o quão pouco se falava sobre questões da vida e, principalmente, com as crianças, que muitas vezes eram proibidas de ouvir conversas de adultos.

Então a gente não sabia de nada. Então, aqui depois que eu cheguei aqui, aqui é uma cidade hospitaleira, tem trabalho, aqui eu cresci, fiz minha cabeça, hoje eu sou dona * por quê? Porque eu aprendi com a própria vida, com a própria caminhada e daqui eu não saio mais pra canto nenhum! Aqui eu vou ficar, aqui eu vou morrer e junto com ela e meus dois filhos né. Me casei aqui, aqui eu posso dizer que me criei, São Paulo foi pai e mãe para mim. (Mangabeira, 2019)

Para Bosi (2004), o migrante chega à cidade com as raízes partidas, e tende a buscar canais de enraizamento, valores que deem sentido à vida. Nesta luta pelo direito de existência e pela existência de direitos, a migrante mulher submete-se a condições precárias de trabalho e sofre os abandonos da sociedade patriarcal pela posição social que ocupa.

Assim, como sinal de uma esperança de transformação social, a mesma autora conclui: “As chaves do futuro e de utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos.” (BOSI, 2004, pg. 208).

Mangabeira relata sentir tristeza quando lembra de sua história, mas contá-la, segundo diz, a faz sentir que é uma vitoriosa segundo Lá, os meus irmãos já era tudo homem. Era o João, o Zeca, e Luís, não, Joaquim. Eles trabalhavam tirando o leite da mangabeira, pra fazer borracha, tirava o leite da mangaba pra borracha. Então eles trabalharam muito, e nós vendia pequi, fazia aqueles tabuleiro quadrado, pra botar a fruta, todo dia nós ia pro mato pra procurar o pequi. Nossa, pra mim não tinha lugar melhor, era só lá. Aí quando acabava a safra, a gente descia pra cidadezinha desse tamaninho chamada Crato. (Mangabeira, 2019).

Resgatou a memória de quando era muito jovem e do trabalho que gerava a renda de sua família, a extração de leite da Mangabeira. Ainda que árduo, o trabalho de seus irmãos, a lembrança deste momento ainda no Ceará, onde ajudava sua família vendendo pequi, revelou uma relação afetiva com os frutos que garantiram o sustento de seu povo por anos a fio.

Quando fui até sua casa para conversar e saber como havia sido contar sua própria história, me deparei com uma linda e aconchegante quitinete, preenchida por plantas e flores, uma janela que deixava a claridade adentrar fora a fora. Me senti muito feliz em conhecer sua casa, seu local de recolhimento. Mangabeira, então, me disse que não é bom quando lembra das partes tão difíceis de sua história, mas novamente acessa suas memórias, me conta de outra forma e finaliza: *me sinto vitoriosa*.

Mangabeira representa, para mim, a mulher que luta, trabalha duro para garantir a sobrevivência dos que ama, além da sua própria, e hoje mostra a força que resultou de suas dores, sem receios, bate o pé para usufruir de suas conquistas. Encontrou no amor a liberdade que é poder ser feliz sem medo, mas, certamente, seu processo de libertação começou muito antes: no ato de coragem em escolher seu lugar.



Fonte: <http://www.donoleari.com.br/2017/09/30/aqui-rubens-pontes-meu-poema-de-sabado-fechando-os-olhos-o-poema-fiel-de-italo-campos/>

Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

Eu casei com 29. É, eu já tinha, é, eu já pensava já sabia, já via de longe né? Pensava mais, então num errei mais. Nós namoramos 90 dias, parece mentira, ele disse: você quer se casar comigo? [...] É, aí ele para mim foi meu pai, foi minha mãe, foi meu irmão mais velho, minha vida meu tudo[...] Nossa, fui feliz aqui! Fui feliz, sou feliz, gosto daqui [...] São Paulo me deu vida, me deu trabalho, eu trabalhei muito. Criei meus dois, meu filho, me casei, que nem gente. (Mangabeira, 2019).

Copaíba

No relato de Copaíba, há algo que jamais passaria despercebido: sua liberdade. A escolha de nunca se casar e a versatilidade que caminha em paralelo à curiosidade que tem pelas coisas da vida. Conta sobre os trabalhos que já fez, desde a venda de perfumes, a costura de vestidos de noiva, a venda de esteiras japonesas, até o trabalho realizado em uma ONG de

assistência a pessoas em situação de vulnerabilidade social. Relata ser este último o trabalho onde mais se sentiu realizada e feliz.

No entanto, rememora com alegria os acontecimentos de sua vida, aparentando ter orgulho de contar a própria história, principalmente quando diz que só não fazia o que era mandado, imposto, e que realizou tudo o que pra ela fazia sentido e era de seu querer.

Copaíba relata sobre o que, pra ela, seria um alto preço caso resolvesse se casar, referindo-se aos trabalhos domésticos e a à privação/repressão/imposições por parte dos homens sobre suas esposas.⁴

Também migrante, ela veio do interior de São Paulo, com a família, acompanhar o pai que trabalhava na área ferroviária. Ouvir sua história me fez reafirmar a ideia de que ser viajante é um estado de alma: [...] *porque na verdade, agora que tô com 78, aí a gente inventa um negócio lá na cozinha, fazer um bolo, um negócio, e chama as amigas, sai, vai viajar. Enquanto eu tô viva. [...] é a vida da gente né.*

Sua independência e sua alegria levaram-na a percorrer caminhos diversos e hoje, sem receios, revela o quanto foi feliz, enfatizando em várias de suas falas que continua sendo. Revela ainda em sua fala a condição de submissão da mulher perante o homem décadas atrás – incluindo a história de sua mãe – e a escolha por seguir a referência masculina:

Eu cultivei esse lado, entendeu? O lado do meu pai. E ele era bem bobão viu?! Caipirão, quieto, sabe? Mas aprendi muito com meu pai. Aprendi muito. Minha mãe nem tanto, minha mãe sabia mais da cozinha, sabia fazer bolo essas coisas, e eu já queria sair pra rua e já andar de carro, andar de carroça, de charrete, do que fosse. (Copaíba, 2019)

Esta fala reafirma que a liberdade e a autonomia sempre estiveram disponíveis ao homem. Hooks (2019) contextualiza-nos sobre o momento das primeiras ondas feministas em que se pensava o casamento como mais uma forma de escravidão sexual, que sacrificava o cuidado e respeito substituindo-os pelo ideal da mulher enquanto propriedade do homem.

Partindo desta realidade na época, melhor entende-se a rejeição que Copaíba teve ao casamento, escolhendo ser solteira, segundo ela, sem sofrimento:

E naquele tempo, eu com 16, 17 até ficar com 20, 27, nossa...choveu namorado! Todo mundo queria namorar eu! Eu falei: Não, não quero namorar agora [...] E esse “agora num quero” foi ficando, foi ficando. Mas num é que eu não queria. Eu queria é ter atividade pra outros lados, e eu achava que se eu casasse com eles, eles num

⁴ A Copaíba é uma árvore incrivelmente poderosa, um antibiótico da mata, que já salvou vidas de muitos caboclos e índios seriamente feridos. De seu tronco é extraído o óleo e também pode-se fazer chá, para fim anti-inflamatório. Pode atingir mais de 20 metros e, por acreditar no potencial de cura da alegria, escolhi esta árvore para representar esta mulher.

iam gostar né. Tem homem que não gosta. [...] Graças a Deus, obrigada meu Deus. Porque eu não conheci um homem que mandasse em mim, “porque você é minha esposa” comigo não tem disso não. Eu até posso fazer, não sendo sua esposa, mas se você impor eu saio fora entendeu? (Copaíba, 2019)

Os movimentos feministas estão evoluindo cada vez mais para que o ideal de companheirismo seja ressignificado não apenas por homens, como pelas próprias mulheres. Copaíba exemplificou um episódio de violência sofrida e reafirmou a escolha de que jamais se submeterá a condições de abuso e controle masculinos:

Um dia eu achei um bêbado, e o bêbado queria fazer eu de gato e sapato. E eu não sabia, eu não sabia, eu não podia imaginar que o homem tava bêbado. Quando eu vi umas coisa assim que eu não gostei, eu falei: eu? Num venho nunca mais aqui. Tá? Nunca mais eu venho aqui. Deus me livre chegar assim em casa toda marcada, não, não, comigo não. (Copaíba, 2019)

Ser independente, não apenas num viés econômico, mas emocional, exige de nós, mulheres, coragem. A coragem de enfrentar a solidão envolve enfrentar medos, entre eles o da solidão e dos julgamentos sociais. Mas fica evidente que a mulher, na maioria dos casos, principalmente pela estrutura social em que vivemos, sempre pagou um alto preço por escolher o matrimônio.

A relação que se criou com Copaíba no momento em que contou sua história, foi, sem dúvidas, de confiança. Ventava naquele dia, estávamos no meio da rua, ela disse até seu endereço. Parecia que nos conhecíamos há muito mais tempo. Acredito que viajar seja mover e mover seja escolher. E o que mais nos limita a escolha do que o medo da solidão?

Quando perguntei a ela como se sentia ao acessar memórias de sua vida e contá-las, Copaíba disse em uma afirmativa que reflete não apenas seu humor, mas sua forma de olhar para a vida: *é uma felicidade*.

Para mim esta mulher representa coragem e a coragem de sermos quem somos nos leva a lugares inimagináveis, tendo como combustível a alegria da plenitude. Terminamos este bonito encontro e eu pude sentir o ar subir peito adentro, até que o brilho de meus olhos revelassem uma utopia possível: a liberdade.



Fonte: <http://usodeplantasmedicinas.com.br/dica-da-semana-copaiba/>
Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

Olha se eu puser isso num livro, o livro dá começo e não tem fim. Mas eu sou falante, eu sei de mim. Eu conheço, eu num fico quieta. Eu gosto de mim, entendeu? Eu gosto de mim, do jeito que eu sou. Eu sou espontânea. Se eu quero eu vou, eu enfrento! Agora se eu num quero, num sai nem do começo. É de mim isso. (Copaíba, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito agora, afirmando o que já supunha quando iniciei esta pesquisa, que ela trata, acima de tudo, do encontro. Para ouvir ou contar uma história é preciso escutar, estar presente e embarcar no universo da curiosidade. Curiosidade esta que acredito ser a chave de acesso ao conhecimento e alicerce fundamental para nossa existência enquanto pessoas e aprendizes.

Pensar nos paradoxos da memória é um mergulho profundo nas ambivalências que a constituem. Da mesma forma paradoxal, fazem-se os ideais de liberdade que esta pesquisa buscou compreender. Acredito que escolher é também um espaço a ser ocupado fundamental enquanto caminho de libertação.

Lembrar, como nos afirmam os estudos sobre o assunto, é conflituoso. É deparar-se com uma infinidade de sentimentos nem sempre agradáveis, como arrependimentos, dores, culpas e saudade. Entretanto, acessar memórias é reafirmar o eu construído, é compreender-se enquanto pessoa, é perdoar-se e, por fim, sentir-se pertencente, antes de qualquer coisa, ao lugar ímpar da memória.

Diante das histórias de vida que fizeram parte desta pesquisa e do contexto de violência contra mulher presente desde que nos entendemos como sociedade, podemos pensar na difícil relação entre lembrar e esquecer. Relação tal que muitas vezes nos sinaliza uma velha máxima: a fantasia de que a mulher é frágil para enfrentar o mundo fora de casa, mas forte para suportar os abusos que sofre. Isto vem adoecendo as mulheres, deprimindo-as, suprimindo-as ao longo dos anos.

Ainda que este trabalho não tenha tido intuito de maior aprofundamento das questões sociopolíticas que os relatos revelam, acredito ter sido possível colocar luz em aspectos que caracterizam as diversas formas de precarização nas relações pessoais e de trabalho e os desafios do processo migratório, no caso das mulheres especificamente, além de talvez provocar questionamentos que de, alguma forma, movimentem certezas.

Para além do conteúdo dos relatos, o trabalho se fez pela aproximação com estas mulheres e pelo interesse particular como pesquisadora de me perceber transformada enquanto ouvinte de histórias. Assim pude sentir-me em movimento, a cada forma diferente de olhar a vida, pude questionar a mim mesma, experimentar olhar com outra lente, e depois retornar à minha própria, que já não era a mesma.

A relação ambivalente entre liberdade e enraizamento, para mim, é bastante delicada. Envolve, até onde observei, apego a valores bastante particulares que agem como âncoras

para as proteger da temida solidão ou até mesmo da temida morte, neste mundo onde reinam ainda os valores soberanos do patriarcado.

Agora, finalizo este trabalho da maneira como acredito que se terminem as pesquisas: inquieta, com novas perguntas e curiosa por saber mais. No entanto, contemplada por poder olhar para as histórias destas mulheres e compartilhá-las. Assim como por tê-las ouvido e tê-las conhecido.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: Sesi-SP, 2014.
- NOGUEIRA, et al. *O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração*. Pesquisas e Práticas Psicossociais vol. 12 nº 2. São João del Rei, maio-agosto de 2017.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007
- SERTÓRIO, L.B.; SANTOS, M. O. *Relações entre trabalho, educação, gênero e migração*. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane_Bruno_Sertorio_e_Miriam_de_Oliveira_Santos_relacoes_entre_trabalho_educacao_genero_e_migracao.pdf>. Acesso em: 05 de janeiro de 2020.
- TOSSIN, Laísa Fernandes; SANTIN, Terezinha Lúcia. Projeto migratório feminino: motivações e sofrimentos entre sonho e realidade. **Imaginario**, São Paulo , v. 13, n. 14, p. 417-438, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2007000100019&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jan. 2020.